

APROPRIANDO-SE DA CHAMA OLÍMPICA: A CORRIDA DE REVEZAMENTO DO FOGO SIMBÓLICO EM PORTO ALEGRE – BRASIL (1938-1947)

OLYMPIC FLAME APPROPRIATION: THE NATIONAL TORCH RELAY IN PORTO ALEGRE – BRAZIL (1938-1947)

Luís Henrique Rolim Silva*
Ester Liberato Pereira**
Janice Zarpellon Mazo***

RESUMO

A Corrida do Fogo Simbólico da Pátria (CFS) é uma prática cultural que é exercida desde 1938 junto com as demais comemorações da Semana da Pátria durante os festejos da independência do Brasil. Nosso estudo situa-se na dimensão da História Cultural e tem como objetivo compreender como foi inventada a Corrida do Fogo Simbólico da Pátria na cidade de Porto Alegre e como ela se desenvolveu no período de 1938 a 1947. Com base em fontes impressas e orais, compreendemos que a CFS pode ser considerada uma apropriação da Corrida de Revezamento da Chama Olímpica. O contexto sociocultural da cidade de Porto Alegre e o contexto político brasileiro favoreceram o aparecimento e a fixação dessa prática cultural. Nestes contextos se buscava afirmar uma identidade nacional brasileira. Sendo assim, a CFS pode ser vista como uma das ações nacionalizadoras do país produzidas no campo cultural-esportivo.

Palavras-chave: Esporte. Chama olímpica. História.

INTRODUÇÃO

A Corrida do Fogo Simbólico da Pátria (CFS) é uma prática cultural que é exercida desde 1938, junto com as demais comemorações da Semana da Pátria, na qual é festejada a independência do Brasil (AMARO JUNIOR, 1944; LIGA DE DEFESA NACIONAL, 2006). Esta cerimônia foi institucionalizada em Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul, pela Liga de Defesa Nacional (LDN), uma entidade patriótica, com o apoio dos clubes esportivos da cidade. Foram os dirigentes desses clubes que idealizaram a CFS, após presenciarem a inédita Corrida de Revezamento da Chama Olímpica na cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936 (BORGES, 1996; INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, 2002).

A Corrida de Revezamento da Chama Olímpica, pela primeira vez, partia do sítio arqueológico de Olímpia (Grécia) e, depois de passar pela Bulgária, Iugoslávia, Hungria, Áustria e Tchecoslováquia, chegou a Berlim (Alemanha) no dia da cerimônia de abertura dos jogos. Após percorrer 3.075 km através de um revezamento de tochas, a chama olímpica acendeu a pira olímpica no Estádio Olímpico de Berlim, e, como acontece até os dias de hoje, a chama olímpica ficou queimando ininterruptamente na pira olímpica até o dia de encerramento daqueles jogos.

Dois anos mais tarde, em 1938, dirigentes esportivos porto-alegrenses conseguiram apoio da LDN e dos clubes para a realização de uma corrida semelhante na cidade de Porto Alegre (Brasil). Na sua primeira edição, a CFS partiu da cidade de Viamão, a primeira capital do Estado do Rio Grande do Sul, e chegou à cidade de

* Mestre. Pesquisador-chefe do Museu Olímpico e do Esporte do Qatar.

** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano - UFRGS.

*** Doutora. Professora do Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano - UFRGS.

Porto Alegre, a atual capital. Conduzida por cerca de 26 km através de tochas por destacados atletas porto-alegrenses, a tocha tinha como ponto final acender, à zero hora do dia 1º de setembro, a Pira da Pátria (A CORRIDA..., 1938, p. 11).

Com o acendimento da Pira da Pátria iniciavam-se as comemorações da Semana da Pátria na cidade de Porto Alegre. Os festejos perduravam até o dia 07 de setembro, data oficializada para comemoração da Independência do Brasil e dia de extinguir o fogo simbólico que ardia, ininterruptamente, desde o dia 1º de setembro, na Pira da Pátria.

A semelhança entre a Corrida da Chama Olímpica e a Corrida do Fogo Simbólico da Pátria fez surgir o seguinte questionamento: Qual o contexto sociocultural que permitiu a construção e a consolidação de uma tradição como a Corrida do Fogo Simbólico da Pátria (CFS) na cidade de Porto Alegre?

Observamos que desde 1938 a CFS constituiu-se numa das principais atividades realizadas pela LDN, em parceria com os clubes esportivos, para comemorar a Semana da Pátria em Porto Alegre, conforme sugere o título da reportagem: “A maior corrida do Brasil” (FONSECA, 1961, p. 66-73). Percebeu-se que rapidamente a CFS teve grande destaque, não apenas em nível local, mas também nacional; e no final do período do Estado Novo Brasileiro (1937-1945), em que o presidente do país era Getúlio Vargas, a CFS extrapolou as fronteiras do Brasil e passou a ser considerada a “maior corrida’ de revezamento do mundo” (INICIADA..., 1944, p. 10).

Embora a CFS seja realizada até os dias atuais, neste artigo nos propusemos a abordar o período de 1938 a 1947. Esse recorte temporal compreende o ano de realização da primeira corrida, em 1938, até a sua décima edição, em 1947, quando há indícios nos jornais do enfraquecimento desta prática e da criação de novas tradições voltadas à afirmação da identidade regional do Rio Grande do Sul (BILHAR; OLIVEN, 2006; PAIXÃO CORTES, 1994). Tendo-se em vista o envolvimento dos dirigentes esportivos porto-alegrenses na construção da CFS e o fato de Porto Alegre sempre ter sido o ponto final da CFS, ou seja, o local de sua culminância, o recorte espacial do estudo delimita-se a esta cidade.

Com base nessas considerações, este artigo tem como objetivo compreender como ocorreu a invenção e continuidade da Corrida do Fogo Simbólico da Pátria na cidade de Porto Alegre no período de 1938 a 1947.

Neste estudo histórico cultural buscamos dialogar com diferentes conceitos de práticas e representações culturais (CHARTIER, 2000; BURKE, 2005; PASAVENTO, 2004), de tradições inventadas (HOBSBAWM; RANGER, 1984; HOBSBAWM, 1988) e identidade nacional (SMITH, 1997).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A Corrida do Fogo Simbólico da Pátria (CFS) ainda não havia sido tema de pesquisa acadêmica, sendo apenas encontradas algumas referências à sua realização em publicações que abordavam o período do Estado Novo. Por isso, para atender ao objetivo deste estudo foram garimpadas fontes impressas e também foram produzidas fontes orais através da gravação de entrevistas. As fontes históricas coletadas em diferentes locais, como acervos particulares, arquivos públicos, bibliotecas, clubes, federações desportivas, fundações, memoriais e museus, foram organizadas primeiramente numa base de dados (ROLIM, 2008), para facilitar o tratamento metodológico das informações.

As fontes impressas primárias foram os documentos e obras da Liga de Defesa Nacional (LDN); ao mesmo tempo em que trazem referências primárias, os documentos da LDN apresentam um discurso rígido e pautado quase sempre nos mesmos autores. Dessa forma, foi comum encontrar as mesmas citações em diferentes documentos da LDN. Entretanto, utilizamos os registros da LDN como fonte primária no que tange a nomes de atletas, clubes, cidades e números das edições da CFS. Já as fontes secundárias desse estudo foram a Revista do Globo, o jornal Correio do Povo, os almanaques esportivos e obras específicas.

A Revista do Globo (RG) era uma destacada revista editada no Estado do Rio Grande do Sul pela Livraria Editora Globo no período de 1929-1967. Segundo Torres (1997), a Revista do Globo aparece para reforçar a imprensa porto-alegrense e completar uma lacuna deixada por fracassados periódicos do mesmo tipo. Foram

encontrados três fascículos específicos sobre a CFS e aproximadamente 30 fascículos da Revista do Globo que contribuíram para o entendimento do contexto do estudo.

No jornal Correio do Povo (CP) foram pesquisadas as edições do mês de setembro entre os anos de 1938 e 1947, pois o critério utilizado compreendia o mês de realização da CFS e anos das edições estudadas. Devemos lembrar que o Correio do Povo se colocava permanentemente como instrumento de propaganda política do regime vigente. Tanto nos seus editoriais quanto nas linhas condutoras de suas notícias era possível verificar a aproximação com a figura de Getúlio Vargas e, conseqüentemente, as iniciativas da LDN (TORRES, 1997).

Os almanaques consultados se constituíam como obras que compilavam informações sobre esportes e variedades de anos anteriores à sua publicação. Entre os 14 almanaques esportivos localizados para o estudo, Mazzoni (1944) apresentou uma nota sobre a CFS, e Amaro Junior (1947) também se referiu diretamente ao evento. Todos os outros números desses almanaques foram utilizados para abordar o contexto do estudo.

Completam as fontes secundárias desse estudo o volume número 1 da obra Aspectos Gerais de Porto Alegre (PIMENTEL, 1945) e o livro Brasileiros de cabelos loiros e olhos azuis (DAUDT, 1952). A primeira das duas obras citadas, publicada no final do regime do Estado Novo, trazia oito páginas sobre o Núcleo Regional da LDN e suas principais iniciativas, entre elas a CFS, enquanto a obra do segundo autor trazia alguns indicativos sobre as relações entre os dirigentes esportivos que estiveram presentes em Berlim em 1936 e depois, à frente da CFS. A obra de Daudt (1952) procura mostrar a influência dos imigrantes alemães e seus descendentes nas instituições e entidades.

Foram realizadas duas entrevistas, que se constituíram nas fontes orais do estudo. A coleta dos depoimentos orais foi realizada após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde se tem registrado o estudo com o número 2007739. O critério de escolha dos participantes foi o envolvimento indireto com a CFS e, principalmente, o contato direto com os idealizadores da CFS.

Os dois entrevistados serão tratados pelas iniciais MT e HL ao longo do estudo. MT é filho de Túlio De Rose e acompanhou-o ao longo de sua trajetória esportiva e jornalística, incluindo a CFS. HL esteve presente como audiência na primeira edição da CFS em 1938 na cidade de Porto Alegre, assistindo seu pai a carregar o Fogo Simbólico da Pátria. Além disso, HL é ligado ao clube esportivo porto-alegrense Grêmio Náutico União, onde teve contato com Darci Vignoli e tornou-se amigo de Túlio De Rose.

As entrevistas foram gravadas para a posterior transcrição e análise junto com os outros documentos (BARDIN, 2000; TRIVIÑOS, 1987). “Montar, combinar, compor, cruzar, revelar o detalhe, dar relevância ao secundário” (PESAVENTO, 2004, p. 65) foi o método historiográfico utilizado nesse estudo. Assim, todas as fontes utilizadas podem ser pensadas como traços portadores de significados construídos para investigar o objetivo proposto pelo estudo. A seguir apresentamos os resultados obtidos a partir da análise da CFS.

Antes da realização da entrevista, o entrevistado leu o Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento (Declaração do Entrevistado), e o entrevistador colocou-se à sua disposição para esclarecer eventuais dúvidas. Estando de acordo com os procedimentos da entrevista, o entrevistado assinou o Termo, autorizando, assim, o uso das suas informações na pesquisa.

INVENTANDO UMA TRADIÇÃO: O APARECIMENTO E A FIXAÇÃO DA CORRIDA DO FOGO SIMBÓLICO DA PÁTRIA BRASILEIRA

A Corrida do Fogo Simbólico da Pátria (CFS), enquanto tradição inventada, teve início no ano de 1938. Essa Corrida surge como uma tradição enraizada no período do Estado Novo Brasileiro (1937-1945) que perdura até os dias de hoje. A CFS foi construída num período histórico brasileiro, em que as elites políticas e o povo em geral estavam preocupados com a construção da Nação.

No período do Estado Novo Brasileiro verificava-se um fomento ao processo de nacionalização do país, e a Liga de Defesa

Nacional (LDN) - entidade cívico-cultural idealizada por Olavo Bilac em 1916, com o objetivo de estimular o patriotismo, parecia ganhar força, pois estava alinhada com os ideais governamentais daquele momento. Nesse sentido podemos perceber a instalação de diretórios regionais e núcleos municipais, sob o comando do Diretório Central da LDN. Desta forma, a instituição parecia ganhar membros e braços para alcançar a sociedade brasileira. Um desses braços - e, podemos dizer, um braço forte -, foi instalado no Rio Grande do Sul em 12/10/1937.

A escolha do Estado do Rio Grande do Sul talvez esteja ligada a um dos problemas apresentados na Ata de Fundação da Instituição: a falta de união dentro da federação (LIGA DE DEFESA NACIONAL, 2006), pois o Rio Grande do Sul e, mais especificamente, sua capital, Porto Alegre, eram conhecidos como estado e cidade marcados culturalmente pela expressiva presença de imigrantes alemães. Inclusive, Porto Alegre, nos anos 1920, era conhecida como a cidade dos alemães (PESAVENTO, 1994).

Por congregar uma população significativa em termos numéricos e, principalmente, em termos culturais, de brasileiros loiros de olhos azuis (DAUDT, 1952), a cidade de Porto Alegre diferenciava-se do centro do país. Embora os porto-alegrenses tivessem como referência as grandes metrópoles do país na busca de sua modernização, devido a essa identificação étnica a cidade também estava atenta aos padrões de ser moderno e das notícias advindas de outro país: a Alemanha.

Para se ter uma ideia do impacto alemão no que tange ao nosso objeto de estudo, em 1936 a Revista do Globo publicou oito fascículos com notícias sobre os Jogos Olímpicos de Berlim. Além disso, cabe destacar que o estreitamento das relações com a Pátria de origem dos imigrantes alemães ocorria desde a segunda metade do século XIX, quando instrutores alemães de ginástica e de outras práticas esportivas vinham atuar nos clubes esportivos de Porto Alegre.

Alguns imigrantes e descendentes de alemães, entre eles ginastas porto-alegrenses, também viajavam para a Alemanha não apenas para visitar parentes, mas também para conhecer

os institutos de ginástica (MAZO, 2003). Nesse sentido podemos entender que a ida de gaúchos porto-alegrenses para assistir aos jogos de Berlim não foi mero acaso. Essa era uma oportunidade para verem *in loco* a concepção moderna de sociedade alemã, na qual as práticas corporais e esportivas tinham um papel de destaque.

Nos fascículos da Revista do Globo existe uma preocupação em justificar historicamente a realização dos Jogos e, principalmente, o revezamento saindo de Olímpia, na Grécia, para chegar à cerimônia de abertura dos jogos de Berlim.

A reportagem da Revista do Globo intitulada Eu chamo a mocidade do mundo destaca o seguinte:

Para a inauguração dos jogos organizar-se-á uma corrida de estafeta que parte de Olímpia, a antiga e sagrada cidade dos helenos, e segue para Berlim através dos países balcânicos. É uma corrida simbólica que se destina a levar de Olímpia a chama de um archote que irá acender em Berlim a grande chama das Olimpíadas [...] A Chama Olímpica que se acenderá em Berlim no dia 1º de agosto será o símbolo do cavalheirismo e da nobreza esportivas, e a demonstração triunfante de uma ideia imortal. Mais de 3000 esportistas conduzirão a chama olímpica, da Grécia até Berlim sob os olhos de milhões de pessoas de várias nacionalidades que serão testemunhas da maior corrida que a História registre (EU CHAMO..., n. 181, 1936, p. 22 – ortografia atualizada).

Outra reportagem que merece destaque foi publicada no fascículo 188 sob o título A XI Olimpíada. Nesta é apresentada um registro histórico acerca dos jogos olímpicos da Antiguidade que se encerra com uma abordagem sobre o mito de Prometeu, um dos titãs, uma raça gigantesca que habitou a Terra antes do homem. Ele e seu irmão Epimeteu foram incumbidos de fazer o homem e assegurar-lhe, e aos outros animais, todas as faculdades necessárias à sua preservação. Ao homem, foi atribuído o dom de produzir o fogo, o que lhe assegurou sua superioridade sobre os demais

animais. Esta reportagem ilustrou aos leitores o simbolismo da Chama Olímpica (DE BERLIM..., n. 188, 1936, p. 27-30).

Através dessas reportagens os porto-alegrenses tinham contato com a modernidade alemã, expressada, principalmente, pela realização dos Jogos Olímpicos e da Corrida de Revezamento da Chama Olímpica. Nesse sentido, a identificação com os padrões modernos alemães, especificamente no que se referia ao mundo esportivo, pode ter sido um dos elementos que contribuíram para a ida de dirigentes esportivos porto-alegrenses a Berlim em 1936.

O ineditismo do revezamento, culminado na chegada da Chama Olímpica e no acendimento da Pira Olímpica, causou forte impacto nos dirigentes de clubes esportivos porto-alegrenses presentes em Berlim, os quais ao retornarem a Porto Alegre, decidiram promover a realização de uma corrida semelhante nesta cidade.

No contexto porto-alegrense, o Estado Novo Brasileiro foi um período fértil para a instituição de tradições no país. A CFS foi uma das tantas tradições que emergiram neste momento, porém foi formalmente institucionalizada e se fixou rapidamente. De nossa parte, porém, seguindo a orientação teórica de Hobsbawm (1988) e com base no contexto apresentado anteriormente, analisamos a CFS nas questões referentes ao seu aparecimento e fixação, e não no que tange à sua sobrevivência até os dias de hoje.

O APARECIMENTO DA TRADIÇÃO

O aparecimento da Corrida do Fogo Simbólico da Pátria (CFS) estava atrelado institucionalmente ao núcleo regional (Estado do Rio Grande do Sul) da Liga de Defesa Nacional (LDN) e, socialmente, aos clubes esportivos porto-alegrenses. A instituição social da CFS parece ser anterior à institucional feita pela LDN. Neste sentido a instituição criada pelos clubes passa principalmente pelos dirigentes esportivos porto-alegrenses que estiveram presentes na cerimônia de abertura dos jogos de Berlim: Túlio De Rose e Ernesto Capelli, ambos ligados ao *Club Italiano Canottieri Duca degli Abruzzi* - o qual, após o processo de nacionalização, passou a ser chamado de

Clube de Regatas Duque de Caxias - e a Federação Gaúcha de Remo; José Carlos Daudt, representante da Liga Atlética Rio-Grandense e da *Turnerbund*, o último clube esportivo alemão a se nacionalizar, conhecido, a partir de 1942, como Sociedade Ginástica Porto Alegre (SOGIPA), e Darci Vignoli, da *Turnershaft*, clube alemão que, após a nacionalização em 1917, passou a ser denominado Grêmio Náutico União - e, posteriormente, membro do núcleo regional (RS) da Liga de Defesa Nacional.

A ligação entre Darci Vignoli e Túlio De Rose parece ser relevante para afirmar ter sido por meio de Vignoli que Túlio encontrou um aliado que circulava entre os membros da LDN para a realização da CFS. Segundo o depoimento de HL,

Túlio incentivou aos dirigentes da Liga de Defesa Nacional, especialmente ao presidente e amigo Capitão Darcy Vignoli para a realização de grandes eventos esportivos, cívicos e culturais [...] Graças ao seu prestígio [de Vignoli] junto aos órgãos esportivos federais e à sólida amizade com o presidente Getúlio Dornelles Vargas, foi possível consolidar a Corrida do Fogo Simbólico no Brasil, sempre organizada e dirigida por Túlio De Rose (HL, 2008, p. 14).

Não obstante, a instituição da CFS pela LDN aparece na figura do Major Ignácio de Freitas Rolim. O Major Rolim parecia sempre estar à frente das realizações esportivas realizadas pelo governo, por isso afirmamos que ele estava à frente do Núcleo Regional (RS) da LDN em 1937 e 1938. Foi ele quem oficializou a realização da 1ª CFS, em 1938, como uma cerimônia que abriria as comemorações da Semana da Pátria na cidade de Porto Alegre (PIMENTEL, 1945).

A justificativa para o aparecimento da CFS em 1938 estava muito atrelada a certa motivação histórica a ela atribuída. A ideia do fogo surgiu por ser este um elemento natural que “vem acompanhando o homem desde os primórdios da sua evolução” e por sua presença no Movimento Olímpico na forma de Chama Olímpica que tinha como objetivo a “união das raças” (LIGA DE DEFESA NACIONAL, 2006).

As obras oficiais da LDN (SAFADY, 1960; SAFADY, 1971) que foram consultadas sustentam essa ideia. Estas obras, ao permitirem a publicação de crônicas, poemas e escritos dos chamados nacionalistas sobre a CFS, reforçam as justificativas de aparecimento da Corrida. Um exemplo disso pode ser observado na referência a ela feita pelo General Benício da Silva na obra da LDN, que trata da CFS (SAFADY, 1960, p. 26):

Fogo Simbólico da Pátria: Tua expansão não tem limites. Ela vai de Sul a Norte, de Leste a Oeste, pelas imensuráveis extensões deste Brasil imenso.

E se alguém tiver a audácia de tentar agarrar-te, explodirás em torpedo, em metralha, em granada, em mina e farás sucumbir a quem te pretender enegrecer em trevas, te congelar o invencível calor.

E se a força te supuser dominado, apagado, extinto, farás como Fênix e renascerás das próprias cinzas e serás chama, labareda, fogueira, incêndio, queimada e explodirás em vulcão.

Assim é alma do Brasil que sintetizas, fogo simbólico da Pátria! (ortografia atualizada).

Além disso, a justificativa para a realização da CFS estava alicerçada em ligações sagradas e históricas construídas, principalmente, através dos meios de comunicação do período estudado. Um exemplo disso encontra-se neste trecho retirado do jornal *Correio do Povo*: “Às 21 horas o padre José Breidenbach acende o archote que seria conduzido pelos atletas porto-alegrenses, e que acenderia a ppra na lâmpada votiva do altar consagrado a N. S. da Conceição, padroeira do Brasil, e que arde ininterruptamente desde 1741” (A CORRIDA..., 1938, p. 11 – ortografia atualizada).

Apresentadas as justificativas para o aparecimento da CFS, buscamos agora compreender os elementos que a fizeram fixar-se como uma tradição ao longo do período estudado.

A FIXAÇÃO DA TRADIÇÃO

Hobsbawm e Ranger (1984) definem que as tradições inventadas, para atingirem a *fixação*,

devem ser um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas, sendo essas práticas de natureza ritual ou simbólica. Nesse sentido convém pensarmos se não havia regras formais para a CFS. Não encontramos nenhum registro, dentro do período estudado, sobre regras formais e/ou instituídas para a realização da CFS. Parecia, sim, haver regras tácitas ou abertamente aceitas para a organização da CFS.

Com base no banco de dados construído para o estudo (ROLIM, 2008) podemos identificar elementos comuns e outros que foram variáveis na construção da CFS dentro dos limites do Estado do Rio Grande do Sul. Esses elementos parecem depender da organização na cidade em que a CFS está passando.

Assim, de acordo com as informações recolhidas, podemos assim descrever os elementos comuns da CFS: inicia-se a CFS com uma cerimônia de acendimento da tocha; logo após existe a passagem da tocha aos atletas, os quais começam o revezamento pelas cidades até a chegada na cerimônia de acendimento da pira.

A cerimônia de acendimento da tocha é o ponto de partida da Corrida. De acordo com as informações adquiridas nas fontes impressas, podemos referir que ela é feita em diferentes locais com ligações históricas e sagradas. A saída é dada por uma autoridade local, que a passa aos atletas para iniciarem o revezamento.

A passagem da tocha entre os atletas é dependente da localidade, determinando assim o tempo e quilometragem de cada condutor. Os condutores poderão ser, além de atletas locais, militares (atletas ou não) e/ou colegiais. Na divisa entre as cidades a recepção é feita pelos prefeitos, que, ao receberem a tocha, passam-na aos atletas para conduzirem-na até a pira e/ou igreja local, normalmente localizada nas praças centrais das cidades.

A cerimônia de acendimento da pira é o momento final da Corrida, porém ela é acesa também nas localidades onde passa a CFS. Primeiro a pira acende a lâmpada votiva da igreja do lugar, caso em que a cerimônia é realizada pela autoridade eclesiástica local. Após essa pequena cerimônia vem o acendimento da pira da localidade, que é feito

por um atleta/militar/autoridade local e seguido de discurso oficial; logo depois é acesa nova tocha, que é levada por atletas/militares/escolares para outra localidade.

O acendimento da Pira da Pátria de Porto Alegre (ponto final da CFS) parece seguir o seguinte protocolo: tocha de posse de um atleta de destaque que aguarda o momento exato (à zero hora do dia 1º de setembro) para o acendimento da pira; acesa a pira, toques de clarins, dos sinos das igrejas, buzinas, aplausos; salva militar; hino brasileiro e; discurso e/ou oração oficiais. Com o acendimento da Pira da Pátria em Porto Alegre se inicia a comemoração da Semana da Pátria na capital.

Assim, a fixação da CFS parece ter sido estabelecida por regras tácitas nos locais por onde ela passava, ou seja, a base da CFS, que era sair de um ponto e chegar a outro, continuava inalterada, mas nas localidades onde passava, seu formato era construído pelas autoridades do local. Isso, de certa forma, mantinha o ineditismo da CFS e fazia com que as comunidades das localidades onde ela passava se identificassem com a CFS.

Dessa forma, podemos entender a CFS no período estudado como uma tradição historicamente original e livremente inventada,

podendo ser considerada uma cerimônia que procurava forjar nos porto-alegrenses a consciência da sua cidadania.

A CFS estava inserida no processo de construção de uma identidade nacional brasileira (SMITH, 1997), pois essa tradição reforçava os laços de solidariedade entre os membros da sociedade, que partilhavam mitos e memórias comuns. Neste sentido, a CFS no período de 1938 a 1947 procurou construir uma representação de coesão ou unidade nacional no imaginário porto-alegrense. Essa representação se dava principalmente pelo formato de percorrer a Nação (as cidades brasileiras) trazendo o Fogo da Pátria até a capital do Estado do Rio Grande do Sul – a cidade de Porto Alegre.

Pelo Quadro 1 podemos identificar a relevância atribuída a essa tradição no período estudado. Esse quadro mostra os anos das edições, o significado atribuído à CFS e a relação dos quilômetros percorridos no País até a cidade de Porto Alegre. Cumpre observar que existe uma discordância de quilometragem nas edições da CFS, devido às diferentes fontes consultadas. No presente resumo foram adotadas como primeiras informações aquelas provenientes da instituição que promovia a CFS: a Liga de Defesa Nacional.

Ano das edições	Local de saída da CFS	Significado da CFS	Km percorridos
1938	Viamão (RS – Brasil)	Alusiva a primeira capital do RS	26km
1939	Rio Pardo (RS – Brasil)	Alusiva a uma cidade cheia de tradições do RS	411km
1940	Florianópolis (SC – Brasil)	Alusiva a relação histórica existente nesta capital	599km
1941	São Paulo (SP – Brasil)	Alusiva ao local da Independência do Brasil	2.123km
1942	Tiradentes (MG – Brasil)	Alusiva a Tiradentes, considerado o protomártir da Independência brasileira	3.974km
1943	Salvador (BA – Brasil)	Alusiva a primeira capital do Brasil	4.639km
1944	Recife (PE – Brasil)	Alusiva aos heróis nacionais da Guerra dos Guararapes	6.367km
1945	Monte Castelo (Itália)	Alusiva a participação brasileira na vitória dos aliados na Segunda Guerra Mundial	6.370km
1946	Washington (Estados Unidos da América)	Alusiva ao presidente norte-americano Franklin Roosevelt	5.459km
1947	Pistoia (Itália)	Alusiva aos soldados mortos na Segunda Guerra Mundial	3.535 km

Quadro 1 - Edições da CFS.

Pela apresentação do Quadro 1, podemos concluir que este estudo nos auxilia no entendimento de como as iniciativas olímpicas se deslocam e são reinventadas em diferentes contextos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A CFS pode ser considerada uma apropriação da Corrida de Revezamento da Chama Olímpica apresentada nos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936. Essa apropriação pode ser definida pela semelhança nas duas propostas: percorrer lugares carregando uma chama envolta de elementos simbólicos construídos historicamente. Neste sentido, a CFS ajuda-nos a entender como as iniciativas olímpicas se deslocam e são reinventadas em diferentes contextos.

O que podemos afirmar é que o contexto sociocultural da cidade de Porto Alegre e o contexto político brasileiro favoreceram o aparecimento e a fixação da CFS. Convém lembrar que nestes contextos se buscava afirmar uma identidade nacional brasileira, e desse modo a CFS pode ser vista como uma das ações nacionalizadoras do país produzidas no campo cultural-esportivo.

A relevância atribuída à CFS no período estudado extrapolou as fronteiras do país e ela passou a ser considerada a maior corrida de

revezamento em nível simbólico do mundo, pois a Corrida de Revezamento da Chama Olímpica só voltou à cena mundial no ano de 1948. Este destaque dado à CFS parece ser uma tentativa de colocar o Brasil em evidência no cenário mundial, mostrando suas virtudes políticas, sociais e culturais através da realização de uma prática com características olímpicas.

Isso nos permite pensar que o governo brasileiro buscava se alinhar às grandes potências mundiais, que também se revelavam como tal, através dos eventos olímpicos. Essa alusão reforça a ideia de que o esporte e as práticas a ele associadas merecem uma atenção diferenciada para que possamos ter um entendimento das relações políticas que permeiam o campo esportivo.

A busca por fontes impressas em cidades fora do Brasil, particularmente nos países percorridos pela CFS, pode contribuir para ampliar a análise apresentada anteriormente. Além disso, a consulta de outras fontes documentais pode gerar diferentes olhares para o estudo da CFS, haja vista que as fontes consultadas para este estudo foram submetidas aos mecanismos de controle criados pelo governo brasileiro no período do Estado Novo brasileiro.

OLYMPIC FLAME APPROPRIATION: THE NATIONAL TORCH RELAY (1938-1947) IN PORTO ALEGRE – BRAZIL (1938-1947)

ABSTRACT

Since 1938 the Nation Torch Relay (NTR) has been a cultural practice together with all the other Nation's Week celebrations where the Brazil's Independence Day is celebrated. Our study is based on the Cultural History scope; it aims to comprehend how the establishment of the NTR occurred in Porto Alegre city and also how the NTR developed in the period from 1938 to 1947. Using printed and oral sources, we comprehended that the NTR can be considered an appropriation of the Olympic Torch Relay. The social and cultural context of Porto Alegre city and the Brazilian national political context contributed to this cultural practice's appearance and settlement; in those times the Brazilian national identity has been established. Thus, the NTR can be seen as one of the nationalization actions of the country that was produced in the sports and cultural fields.

Keywords: Sport. Olympic flame. History.

REFERÊNCIAS

A CORRIDA do Fogo Simbólico. *Correio do Povo*, Porto Alegre, p. 11, 1 nov. 1938.

AMARO JUNIOR, J. *Almanaque esportivo do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Thurmman, 1947. Tipografia esperança, ano 6.

AMARO JUNIOR, J. As aventuras do fogo simbólico, e de seu idealizador entre nós, o jornalista Túlio de Rose. *Revista do Globo*, n. 369, 19 ago. 1944. In: MAZO, J. *O esporte e a educação física na revista do globo: catálogo 1929-1967*. Porto Alegre: Ed. da PUCRS, 2004. p. 40-41. 1 CD-ROM.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2000.

- BILHAR, F. C.; OLIVEN, R. G. A centelha da chama crioula e o reascender da identidade gaúcha. In: Salão de Iniciação Científica, 18., 2006, Porto Alegre. **Resumos...** Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2006. p. 797.
- BORGERS, W. **Olympic torch relays: 1936-1994**. International Olympic Committee. Olympic Research Institute of the German Sport University Cologne: Agon, 1996.
- BURKE, P. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- DAUDT, J. C. **Brasileiros de cabelos loiros e olhos azuis**. Porto Alegre: Catos, 1952.
- DE BERLIM. A XI olimpíada. Revista do Globo, n. 188, 8 ago. 1936. In: MAZO, J. **O esporte e a educação física na revista do globo: catálogo 1929-1967**. Porto Alegre: Ed. da PUCRS, 2004. p. 27-30. 1 CD-ROM.
- EU CHAMO a mocidade do mundo. Revista do Globo, n. 181, 24 abr. 1936. In: MAZO, J. **O esporte e a educação física na revista do globo: catálogo 1929-1967**. Porto Alegre: Ed. da PUCRS, 2004. p. 22. 1 CD-ROM.
- FONSECA, N. A maior corrida do Brasil. **Revista do Globo**, Porto Alegre, n. 803, p. 66-73, 1961.
- HL**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2008. Depoimento, 2008.
- HOBSBAWM, E. **Tradições inventadas**. Ministério da Educação - Direção-Geral dos Desportos. Brasília, DF: Tip. Minerva do Comércio, 1988.
- HOBSBAWM, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- INICIADA a Semana da Pátria. **Correio do Povo**, Porto Alegre, p. 10, 1 set. 1944.
- INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. **The Olympic flame and torch relay**. Lausanne: Olympic Museum and Studies Centre, 2002.
- LIGA DE DEFESA NACIONAL. **Corridas do Fogo Simbólico**. [200?]. Disponível em: <<http://www.ligadedefesanacional.org.br/index.htm>>. Acesso em: 25 set. 2006.
- MAZO, J. **A emergência e a expansão do associativismo desportivo em Porto Alegre (1867-1945): espaço de representação da identidade cultural brasileira**. 2003. Tese (Doutorado em Educação Física)-Universidade do Porto, Porto, 2003.
- MAZZONI, T. **Almanaque esportivo: olympicus**. São Paulo: Publicidade Sem Rival, 1944.
- PAIXÃO CORTES, J. C. **Origem da semana farroupilha e primórdios do movimento tradicionalista**. Porto Alegre: Evangraf, 1994.
- PESAVENTO, S. J. De como os alemães se tornaram gaúchos pelo caminho da modernização. In: MAUCH, C.; VASCONCELLOS, N. (Org.). **Os alemães no sul do Brasil**. Canoas: Ed. da ULBRA, 1994. p. 199-220.
- PESAVENTO, S. J. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- PIMENTEL, F. **Aspectos gerais de Porto Alegre**. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial, 1945. v. 1.
- ROLIM, L. H. **A chama que arde em nossos clubes! a corrida de revezamento do fogo simbólico de pátria em Porto Alegre (1938-1947)**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- SAFADY, J. S. **Liga de defesa nacional: fogo simbólico da pátria**. São Paulo: Safady, 1960.
- SAFADY, J. S. **Liga de Defesa Nacional: fogo simbólico da pátria**. 2. ed. São Paulo: Safady, 1971.
- SMITH, A. **A identidade nacional**. Lisboa: Gradiva, 1997.
- TORRES, A. S. **A campanha nacionalizadora cívico-educativa e a Semana da Pátria na Imprensa de Porto Alegre (1937-1945)**. 1997. 240 f. Dissertação (Mestrado em História)-Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.
- TRIVIÑOS, A. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

Recebido em 20/09/2009
 Revisado em 04/06/2010
 Aceito em 24/06/2010

Endereço para correspondência: Ester Liberato Pereira. Avenida Bento Gonçalves, 2306/701, Bairro Partenon, CEP 90650-001, Porto Alegre-RS, Brasil. E-mail: ester_lp@yahoo.com.br